

V CONEXÕES/ 2012

Os novos brasilianistas: tropeiros cruzando fronteiras

Claudia Nina

O V Encontro Internacional Conexões Itaú Cultural, que reuniu especialistas em literatura e cultura brasileira de vários países (brasileiros e estrangeiros), trouxe uma série de imagens/cenários e percepções que continuam latejando, gerando novas imagens/cenários e percepções; urdindo conexões além do tempo.

Uma das imagens que me voltam (latejam) com frequência e com a qual gostaria de iniciar este relatório de reflexões é a figura do tropeiro que cruza fronteiras com matulas arrastadas através de um campo extenso para trocar mercadorias em terras distantes com quem precisa ou deseja o que vem de longe. A imagem foi criada durante uma das mesas mais paradigmáticas de todo o evento: aquela que girou em torno do tema sugerido ao debate, **A primeira aula**, com José Luiz Passos (Universidade da Califórnia, Los Angeles), Pedro Meira Monteiro (Universidade Princeton), Peter Werner Schulze (Universidade de Mainz) e mediação de Claudiney Ferreira.

A ideia de alguém que cruza distâncias carregando peso nos braços (muitas vezes literalmente, o peso dos livros) para levar adiante o que o outro lado da fronteira não tem (nossa produção mais preciosa) é perfeita e emblemática para a discussão geral sobre a temática do encontro, permeado de lucidez e sobressalto.

O professor José Luiz Passos, ao falar dos tropeiros, conseguiu enxergar com grande acuidade a extensão do caminho que a literatura brasileira deve (ainda) percorrer para que uma verdadeira troca cultural se estabeleça: de um lado, leitores estrangeiros

emprestam seu desejo/tempo de conhecer uma obra diferente daquela que seu país produz; de outro, brasilianistas de todos os portes e fôlegos tentam fazer cicular as obras que nossos autores produzem. E assim, uma a uma, as sementes da literatura brasileira são lançadas em campos longínquos...

Essta permuta, no entanto, não se faz com mansidão nem com facilidade – o mesmo profissional que cruza fronteiras reais, viajante profissional que precisa estar aqui e ali ao mesmo tempo, também enfrenta o cruzamento de outras fronteiras/limites invisíveis: são os vazios das referências culturais por parte das turmas. Sendo professor, o profissional tropeiro/brasilianista precisa encarar nos olhos os alunos que não sabem português, ignoram quem sejam os autores brasileiros e até duvidam da nossa existência. O processo é mais árduo, custoso e demorado do que se imagina e ainda há um enorme caminho pela frente – eis uma das conclusões que latejam e revelam como são necessárias novas conexões com outros agentes para facilitar tais cruzamentos.

Fôlego é uma palavra importante, como se verá mais adiante na fala da professora Peggy Sharpe. Ao se analisar intimamente o trabalho envolvido na tarefa de fazer com que a literatura brasileira alcance ouvidos de ouvir e olhos de ler em *terras dos outros*, apreende-se que a tarefa dos que alcançam distâncias e enfrentam vazios é um exercício de persistência (física) para que os ânimos não esmoreçam.

Pensar neste cotidiano-deserto é uma necessidade primordial antes de se refletir em quaisquer outras questões maiores. Desvendar o caminho dos *tropeiros* culturais passo a passo, desde o instante em que este sai de sua casa/país natal e se dispõe a enfrentar as adversidades da lonjura, do descaso, da indiferença ou da desconfiança.

Quantos leões por dia um professor/brasilianista/cruzador de fronteiras precisa matar para provar que tem credenciais, que a matéria da qual ele fala tem frescor e que a língua na qual ele trabalha é válida? O V Conexões fez tremular muitas inquietações

desconhecidas por parte de quem não participa desta roda viva e observa/critica o andamento dos giros apenas de fora. *Who cares, after all?*

Faltam condições essenciais para que o ensino de literatura brasileira seja, de fato, moeda de troca na matula do professor/pesquisador/viajante. Não há traduções suficientes, não há livros que cheguem aos leitores estrangeiros a custos razoáveis. A barreira da língua é um muro de concreto. Até quando seremos vistos mais como compradores e não como vendedores de cultura? É um fato diretamente ligado a pouca divulgação do ensino de português as a *foreign language* em todo o mundo.

Já que se falou em concreto, um termo que surgiu durante esta paradigmática mesa (me demoro aqui, mas já içando conceitos/ideias expostos em outras mesas/conversas) foi lançado pelo professor Pedro Monteiro: *opacidade*, palavra que também lateja por trazer ao largo dela uma série de questionamentos fundamentais aos temas ora revisitados. O que fazer diante de estudantes que nunca ouviram falar em Machado de Assis? Como enfrentar a nossa opacidade diante do olhar do outro, e mais: como se posicionar diante de alunos para os quais até mesmo a própria literatura é um campo desconhecido/estranho e estranhado, já que vários chegam de outras áreas?

Há que se ter paciência e humildade, abrir mão da importância reconhecida do objeto, aprender com esta atitude de *não-reverência*, ensina o professor Pedro; reinventar-se diante desta opacidade e não se revoltar contra ela. Aprender a se reinventar na condição de *opaco* (por vezes invisível) quando se está imerso na cultura alheia, mas disposto a divulgar a própria cultura a duras penas - eis a condição básica da sobrevivência do brasilianista bem armado.

Muitos são os meios possíveis de se fazer chegar a literatura brasileira à sensibilidade dos leitores estrangeiros e uma delas é o que revelou o professor Peter Werner Schulze, que na Alemanha trabalha basicamente com filmes e adaptações como

meio e mensagem. Aqui cabe uma indagação crítica. Será que estes mesmos alunos que assistem aos filmes adaptados a partir das obras se interessam pela cultura literária (e ainda a cultura de maneira geral) além da imagem – será?

É fato que não se pode fincar os pés no reinado da *literariedade* nem pensar ser possível hoje ler um livro sem cogitar as amplas conexões com as demais formas de mídia que transformaram efetivamente a maneira de ler o mundo e as páginas. Não é deste purismo que se fala. Indago se os alunos de Peter, em uma proporção significativa, um dia irão querer conhecer, na essência, o texto de nossos autores contemporâneos, em português. Um sonho distante? O que é preciso para fisgá-los?

Temos aqui uma realidade complexa a que os alunos estrangeiros não têm acesso, pois aos olhos dos outros ainda somos estereótipos. Como estudar esta *complexidade*? A pergunta é do professor Ettore Finazzi-Agro da Universidade La Sapienza, oportunamente feita durante a mesa **Formas de Estudo e de percepção da Literatura Brasileira no Exterior**, com mediação de Fernando Paixão, da qual participaram também Kathrin Saringen (Universidade de Viena) e Alva Martínez Teixeira (Universidade de Lisboa).

Desfazer os estereótipos culturais do imenso país a partir da divulgação da pluralidade das percepções da literatura brasileira é um grande desafio de aproximação na direção do *outro* (que é igualmente opaco diante de nós; o confronto das opacidades mútuas arma o diálogo, como bem argumentou o professor Pedro Meira Monteiro).

O Brasil é uma realidade multifacetada, e a literatura é um gigantesco mapa-labirinto desta complexidade. A literatura vai às profundidades; cava fendas na superfície e alcança significados que nenhum saber técnico consegue – chega a dizer o silêncio. Este prisma de múltiplas cores e nuances, direcionado com foco nas páginas da contemporaneidade literária, é algo absolutamente desconhecido pela maioria dos

estudantes estrangeiros nas diversas universidades analisadas, e não somente pelos que descobrem a literatura brasileira a partir do cinema, como acontece nas dinâmicas aulas do professor Peter Werner.

É construtivo quando um brasilianista estrangeiro aponta com tanta ênfase a quase nenhuma visibilidade dos nossos livros lá fora. Um exemplo disso é a professora Kathrin Sartingen, que colocou o dedo na ferida ao dizer que apenas um pequeno público requintado que trabalha com traduções se interessa pelos originais de literatura brasileira na Europa. Feiras do livro que homenageiam o Brasil ali e acolá, somadas a algumas iniciativas/políticas internas não dão conta do grande recado; estuda-se o exotismo a partir de elementos como indianismo, cordel, cangaço, luso-tropicalismo... É a busca dos aspectos antropológicos associados à literatura. A diversidade (que dá a tônica da literatura contemporânea brasileira) é ignorada.

Em todo o momento, a urgência da criação de um Instituto Machado de Assis, nos moldes de instituições como o Cervantes, o Goethe e o Camões foi lembrada por vários participantes do V Conexões, para que a divulgação aconteça com força, ímpeto e organização de políticas/medidas efetivas e de maior visibilidade.

Ao mediar a mesa **Literatura Brasileira em Chave Comparada**, da qual participaram os professores João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); Mario Cámara (Universidade de Buenos Aires) e Mary Elizabeth Ginway (Universidade de Gainesville-Flórida), Felipe Lindoso trouxe ao debate o excelente estudo de Pascale Casanova, em *A república das Letras*, citando um pensamento crucial: aos franceses, por exemplo, é permitido falar de tudo; para os brasileiros, se não tiver índio, carnaval e papagaio, os editores estrangeiros colocam o pé atrás, torcem o nariz. Cria-se um círculo vicioso e não se sabe onde tudo começou.

Interessante observar que a realidade no caso argentino tem vieses específicos. Como ressalta Mario Cámara, em geral, o aluno argentino que começa a estudar literatura brasileira, já conhece o Brasil através da música, da praia e do afeto.

Observa-se que, na experiência de Cámara, o ensino é mais voltado para as obras do modernismo a partir de uma abordagem interdisciplinar, sobretudo no que toca aos filmes e às artes plásticas – “Ficar *só* com as ferramentas da literatura não dá” – afirma o professor. Pergunta-se, tomando como ponto de apoio a palavra *complexidade* citada anteriormente neste relatório de reflexões: seria viável a mesma forma de aproximação dialógica entre as artes tendo como objeto o texto contemporâneo (plural em essência) e não unicamente as obras do modernismo?

Cada vez mais, a literatura é colocada em diálogo e, naturalmente, busca-se novas formas de se compreender os estudos literários. Sobre este aspecto, o da ampliação do conceito de literatura, o professor João Cezar de Castro Rocha citou o importante estudo da professora Florencia Carramuño, da Universidade de San Andrés, “A literatura como um campo estendido”.

Outra questão fundamental suscitada durante o encontro é quanto à renovação do termo *brasilianista*. Como enfatizou o professor João Cezar, se, no passado, o *brasilianista* (termo cunhado em 1969 por Francisco de Assis Barbosa) era o estrangeiro que se dedicava ao estudo do Brasil, precisamos com urgência renovar esta compreensão. Até porque, antes, o termo estava carregado por uma aura pejorativa, o que felizmente desapareceu. Hoje, muitos jovens brasileiros radicados no exterior tiveram formação em universidades estrangeiras e hoje dão aulas de literatura brasileira em suas universidades de formação. Uma frase lapidar do professor João Cezar durante o encontro resume o renovado panorama: “O *brasilianista* deixar de ser alguém que

apenas difunde a literatura brasileira, mas sim aquele que produz conhecimento de fronteira. É, portanto, alguém que escreve a partir da oscilação de perspectiva”.

Importantes contribuições à compreensão desta grande rede de conexões internacionais foram os debates da mesa **Cooperações e Parcerias para a Difusão da Literatura Brasileira**, com a participação dos professores Sara Brandellero (Universidade de Leiden); Frank Sousa (University of Massachusetts-Dartmouth) e Valquíria Wey (da Universidade Nacional Autônoma do México).

Na Holanda, onde a professora Sara atua nas áreas de língua, literatura, cultura e cinema, não há cursos de português em nível secundário, mas, em Leiden, há um núcleo de estudos que, desde 1998, recebe um professor para lecionar durante um semestre. O governo holandês, por sua vez, apoia os estudantes brasileiros que queiram ir para a Holanda para graduação ou mestrado. No que toca à questão dos estudos brasileiros, a falta de boas traduções permanece como um dos maiores entraves para o ensino da matéria, não só quanto aos contemporâneos, mas também quanto aos canônicos. O acesso aos produtos culturais brasileiros é penoso. Como os tropeiros podem fazer o cruzamento das fronteiras sem que os livros viajem e alcancem seus destinos?

Sara tocou em um ponto relevante: embora as traduções sejam primordiais, os originais precisam (e devem) ser buscados em algum momento. Isto ocorre em Leiden, nos cursos que ministra, no segundo ano letivo, quando os alunos se aproximam dos textos originais e não se fixam apenas nas traduções que são *mediações* – por melhores que sejam. Este percurso de leitura seria obviamente facilitado se o ensino de língua portuguesa fosse viabilizado com amplitude partindo do interesse local (nacional, digo) em se fazer entender/lido/apreciado/pesquisado/ouvido.

O professor Frank Sousa apresentou um quadro bastante diverso e otimista ao mostrar o trabalho realizado no *Center for Portuguese Studies and Culture da*

University of Massachusetts Dartmouth, salientando a importância da língua portuguesa (a segunda mais falada naquele estado depois do inglês). A Tagus Press, dirigida por Sousa, traz uma seleção de importantes títulos de tradução de literatura brasileira contemporânea: autores como Rubem Fonseca, João Paulo Cuenca, Cristávão Tezza, Luiz Ruffato e Adriana Lunardi foram (ou serão) editados em inglês.

O trabalho de transporte da literatura brasileira para o exterior é lento e caro (cerca de 10 mil dólares é o custo de uma tradução, em média, sem patrocínio), mas tem sido resgatado com algum ânimo - é o que deixa entrever esta e outras isoladas iniciativas, até mesmo do que toca aos títulos de não-ficção, como destacou João Cezar de Castro Rocha ao citar a primeira tradução de *Raízes do Brasil* (*Roots of Brazil*) pela Universidade de Notre Dame, com prefácio do professor Pedro Meira Monteiro.

Otimismo também vem da parte da professora brasileira Vaquíria Wey, que ministra literatura hispano-americana e literatura brasileira na Universidade Autônoma do México. A cátedra João Guimarães Rosa, que existe há 25 anos, costuma levar três professores por ano para cursos ou conferências no México, o que é um grande feito. Além disso, há vários projetos já realizados ou em andamento, incluindo traduções, como *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *O quinze*, de Raquel de Queiróz e até *Ficção e Confissão*, de Antonio Candido.

Quando se fala em bastidores do ensino da língua brasileira, a sala de aula é a arena mais importante, naturalmente. Voltamos a esta quando se fala da mesa **Português: obstáculo ou oportunidade?** Com mediação de Rita Palmeira, a mesa reuniu Celia-Regina P. Bianconi (Boston University), Peggy Sharpe (Florida State University) e Adriana Lisboa (escritora e tradutora), que participou do evento via Skype. O grito maior de desalento veio por parte da professora Peggy, em um coro bastante afinado com Adriana Lisboa.

Peggy Sharpe sente uma “dificuldade desanimadora” no trabalho de divulgação da literatura brasileira na universidade onde atua. Utiliza uma expressão que é importante repetir: *infiltrar a mentalidade* do estudo de literatura brasileira em um ambiente mais receptivo aos estudos hispano-americanos com poucas brechas aos nossos autores. Há que se ter fôlego, assegura a professora, e aprender a driblar as adversidades, muitas vezes como guerra de braços outras tantas com artilosa estratégia ao montar os currículos.

A professora brasileira Célia Regina mostrou o trabalho dinâmico com o ensino do português que sua equipe realiza na universidade onde trabalha, e lembrou que a língua é hoje a quarta mais falada no mundo, alertando ainda para a evidência de que o interesse pela matéria tem crescido nos últimos 10 anos. Há que se fazer novamente, contudo, a pergunta crucial: será que um maior interesse no português redundará no desejo de conhecimento da literatura brasileira?

A autora Adriana Lisboa, que vive nos Estados Unidos, apontou uma série de dificuldades editoriais para que um livro de um autor brasileiro alcance as prateleiras americanas, pois quase não há investimento em traduções de ficção naquele país; muito pouco do que se publica nos EUA é tradução, e o que sobra desta porcentagem para a ficção é um número ínfimo. O que dizer das traduções de obras em português?

Adriana questionou a mesma dúvida exposta acima, ou seja, se o aumento do interesse pela língua portuguesa apontada pela professora Célia, e realmente sentida de uma forma ampla, à medida que o Brasil torna-se foco de interesse mundial, reflete um interesse maior pela cultura e, em menor escala ainda, a literatura brasileira. Talvez sim (pouco provável), talvez não. Só mesmo o tempo dirá com certeza, acredita Adriana Lisboa. Ou seja: esperar que os livros brasileiros, especialmente a produção contemporânea, alcancem o interesse dos editores estrangeiros é urdir uma rede de

conexões que demora décadas para que um dos fios se estenda, e envolve também os agentes e tradutores como importantes elementos no cruzamento destas fronteiras.

A mesa **Modos de difusão: tradução, dicionários e agentes literários**, com mediação de Felipe Lindoso, trouxe ao debate profissionais que estão diretamente ligados à questão da língua e aos entraves que dificultam uma maior difusão do *brasileiro* no exterior: Alison Entrekin (Tradutora), Breno Lerner (Editora Melhoramentos) e Galeno Amorim (Fundação Biblioteca Nacional). “Tradutores são caixeiros viajantes do livro”, ressaltou Galeno, que citou a importante *Revista Machado de Assis* como um ponto a favor na política de avanço na divulgação na nossa produção, e lembrou que, historicamente, o Brasil demorou a se abrir para o mundo.

De fato, muitos profissionais dividem o mesmo espaço em que caminham os tropeiros citados por José Luiz Passos, e os tradutores são profissionais altamente requisitados nesta caminhada. Alison falou em detalhes sobre os passos que ela percorre desde o momento em que toma um texto nas mãos e empreende a sua cruzada particular – entrar na alma de um texto e tentar desvendá-lo para depois transformá-lo em um produto capaz de ganhar maior visibilidade aos olhos do mundo.

Barreira da língua/ausência de instituições fortes que promovam o português do Brasil mundo afora/dificuldades com o custo das traduções/desinteresse por parte das universidades estrangeiras que ainda privilegiam o espanhol. A matula é pesada, o campo é hostil, e há os obstáculos se espalham por toda a parte. Eventos como este V Conexões são paradas – *pit stops* - para que os participantes da longa caminhada se reúnam em busca de fôlego, mantimentos e ar fresco; uma lufada de novas ideias que recuperam o ânimo porque ainda muito o que fazer, dizer, pensar, conectar.